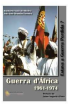
"O sonho de D. João II foi liquidado no dia 25 de Abril de 1974"

Jornal O DIABO 27 Abril, 2015

Morriam mais portugueses em acidentes de viação na Metrópole do que em combates no Ultramar – sublinhou Alexandre Lafayette na sessão de apresentação do livro "Guerra d'África, 1961-1974", da autoria de dois colaboradores do nosso jornal: Humberto Nuno de Oliveira e João José Brandão Ferreira. O DIABO esteve presente.



Logo na capa, os autores de "Guerra d'África, 1961-1974" questionam: "Estava a guerra perdida?". O simples acto de formular a pergunta define este livro como uma obra contra a corrente, pois ofende um poderoso contraditório de "verdades oficiais" propagandeadas desde o 25 de Abril de 1974. E a resposta lapidar pergunta é simples: não, não há evidência de que a guerra do Ultramar estivesse perdida – onde a perdemos foi na retaguarda, no Terreiro do Paço.

Nesse livro, fazendo uso dos testemunhos de quem esteve, de facto, envolvido na guerra, e armados com os dados estatísticos e oficiais, os autores defendem que não há prova cabal de que a guerra em África estivesse perdida. Aliás, como referiu o Dr. Alexandre Lafayette, antigo combatente que fez a apresentação do obra ao público, "a nossa viatura de baixas não chegava a um terço dos acidentes de viação da Metrópole".

A apresentação de "Guerra d'África, 1961-1974" (prefaciado por Jaime Nogueira Pinto e dado à estampa pela editora Prefácio do Conde) decorreu no passado dia 23 – Dia do Livro – no Palácio da Independência, em Lisboa, sede da Sociedade Histórica para a Independência de Portugal. O salão encontrava-se de tal forma cheio que uma boa parte dos presentes teve de assistir em pé, o que diz bem do interesse que a tema despertia.

O local escolhido para a apresentação do livro está carregado de simbolismo: foi naquele palácio, outrora pertencente aos Condes de Almada, que os Conjurados prepararam a restauração da soberania nacional, em 1640 – e o apresentador da obra, Alexandre Lafayette, não deixou de salientar o contraste com outras conspiratórias, que em 25 de Abril prosperaram um golpe de sentido oposto.

Forças especiais

"Como é demonstrado neste livro, a situação nos três teatros de operações (Angola, Moçambique e Guiné) era-nos muito favorável", sublinhou o Dr. Lafayette no seu discurso, recordando que o conflito estava contido e não se encontrava de forma alguma perdido militarmente. "Bravo-me e digo: que padamos ter vergado o inimigo". Simplesmente, na retaguarda, outras forças trabalhavam para que tal não acontecesse.

A obra de Humberto Nuno de Oliveira e Brandão Ferreira salienta a alta preparação das forças militares portuguesas, e esse mesmo aspecto foi recordado na sessão. Hoje, em Portugal, muitos jovens vestem fitas de guerra norte-americanas, muitos dizem passado no Vietname, mas desconhecem quase por completo que o seu próprio País teve, em tempos, uma das melhores e mais afoitas máquinas de guerra do planeta, combatendo em três frentes separadas entre si por milhares de quilómetros.

E ignoram, sobretudo, que a guerra travada nas províncias ultramarinas contra forças baseadas e financiadas no exterior contou com a adesão das populações autóctones, que se consideravam portuguesas e como tal combatiam ao lado das tropas enviadas da Metrópole. Na apresentação de "Guerra d'África", os autores recordaram, nomeadamente, a importante papel de forças especiais como os "Fiéis" de Angola, inteiramente constituídas por africanos. Outro exemplo que poderia ser recordado é o dos Comandos Africanos da Guiné.

A guerra foi perdida, não no campo de batalha, mas cim no Terreiro do Paço, disse Alexandre Lafayette no Palácio da Independência. "O sonho de D. João II no século XV foi liquidado no dia 25 de Abril de 1974. Num só dia destruíram-se 500 anos de progresso".

Resistir à mentira

Oferecer, a um público sequioso de verdade, uma perspectiva sobre o conflito em África diferente da 'oficial' – eis o objectivo de Brandão Ferreira e Humberto Nuno de Oliveira ao publicarem este livro. "A História não é uma ciência exacta, a História se evolue com o contraditório", disse Alexandre Lafayette. "Resistir à mentira constitui um imperativo de consciência. Este direito sem-nos são necessário, especialmi-na, plor ainda, silenciado pelo publicamente correcto".

Usando depois da palavra, Humberto Nuno de Oliveira lamentou que, na actual III República, "uma História vesga, uma História sinistra na plena acepção da palavra, seja a única que é dada a conhecer aos nossos jovens", criticando ainda que a "verdade oficial" seja feita, não pelos portugueses que combateram pela sua Pátria, mas por quem nos fez a guerra. Referiu, a propósito, "a propaganda sujeita feita ao saintor Haidan Balanca num programa da mesmiás política" – numa alusão ao "tempo de antena" dado ao pretoriático fiancidas líder da UPA, a primeira organização anti-portuguesa a espalhar o terror no Norte de Angola, em Março de 1961.

O Tenente-Coronel Brandão Ferreira, no seu discurso, verberou também aqueles que "lorotera, censuram, efalsulam" para evitar que "a verdade veja a luz do dia", algo que considerou "um processo que não lhe roda a dever ao totalitarismo". Não suas palavras 'o objectivo principal deste livro é, pois, o do defender o direito ao contraditório".

Sem apoio popular

O que os autores principalmente criticam, acima de tudo, é o «lápidário daqueles que combateram por Portugal: "Vozes excêntricas clia, ea opinião dos vários fazedores do regime, os algozes, os malandros que cumpriam ordens de um Estado tenebroso que mandava efectivamente combater os movimentos que representavam a maioria dos povos africanos que desejavam separar-se do tenebroso Estado português" – referiu com ironia Humberto Nuno de Oliveira, recordando que os movimentos "de libertação", na realidade, não possuiam uma verdadeira base de apoio popular, muitos deles compostos mais por mercenários estrangeiros do que por angolanos, moçambicanos ou guineenses".

Mas, como afirmou o Tenente-Coronel Brandão Ferreira, "ão dia para o native a verdade do inimigo passou a ser 'A verdade', e as 'loroteiras contadas [fazes] transformadas em «lorotas» e calúnias primeviros'. Acreriss com custos elevados, lamentando todos os participantes o facto de a guerra ter sido perdida na retaguarda, com enormes custos para as populações que supostamente estariam a ser "libertadas".

Portugal não desapareceu

Todos os oradores deixaram algumas palavras sobre a dura situação que Portugal enfrenta na actualidade. "A cobardia, a traição, a irresponsabilidade, a confusão fizeram as taces que prestdiram ao pacto do 25 de Abril. Com estes fundamentos, não é possível edificar seja o que for" – afirmou o Dr. Lafayette. "O mau pais foi-me roubado" – lamentou João José Brandão Ferreira, rematando que ta serar 'um cidadão desiputado'.

Mas ainda resta a esperança partilhada de que Portugal tem futuro. "Está na hora do nosso resgate, está na hora de deixarmos de ser uma Iucra de Frequesia da Europa", disse Alexandre Lafayette.

E Brandão Ferreira fechou a sessão com um forte discurso encorajador: "Apesar de tarmas perdida, em 1975, cerca de 95% do nosso território e 40% da nossa população, de ainda estarmos desorrestados, cativos dos credores, da ameaça permanente da bancarrota, da corrupção política infelizmente nassa, nas ainda não endémica, com uma situação demográfica suicidária, e com o poder nacional portugués num dos seus pontos mais baixos de sua larga e vetusta História, o Estado-Nação mais antigo do mundo, nascido em Guimaro, terra de Santo Maria, que dá pela extraordinária nome de Portugal, ainda não desapareceu".

TWITTER FACEBOOK GOOGLE+

< PREVIOUS ARTICLE
Porque fogem as chinesas do "nano brgeiro"?

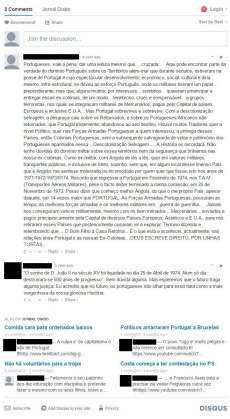
NEXT ARTICLE >
A recuperação de um arquétipo

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...



CAPA

SIGA-NOS

INSCREVA-SE NA NEWSLETTER

Fields marked with an * are required

Name *

e-mail *

Send

MAIS RECENTE

Edição de 27 de Setembro de 2016

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...

O mi-vago da política portuguesa

A ramalhos do socialismo para e duto

ARTIGOS MAIS POPULARES

Isto é um assalto – Filho de Camilo Mortágua no Parlamento

Finlândia: Volta-se a feitiço contra o feiticeiro

Angola, ontem e hoje

Quando a economia portuguesa cresce 10% ao ano

Finlândia em crise admite deixar Euro

A tragédia esquecida da descolonização

Não há voluntários para a tropa

Vitor Gaito? Vitor, pois!